

# UMA ANÁLISE PEDAGÓGICA DO PENSAMENTO CONSERVADOR

George Pereira Santa Rosa<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo tem por finalidade proceder à uma breve análise pedagógica acerca de quatro máximas extraídas do texto intitulado *The Conservative Principles* (Os Princípios Conservadores) do filósofo norte-americano Russell Kirk. Procuraremos enfatizar o quanto o conservadorismo, longe de se apresentar como um dogma reacionário e inflexível a novas ideias, propicia o advento de mentes capazes de atuar conforme atitudes parcimoniosas e, ao mesmo tempo, sensíveis a mudanças significativas no seio da sociedade. Neste contexto, é importante afirmar que o pensamento conservador aqui apresentado não deve ser confundido com a chamada Escola Tradicional, tão conhecida pelos discentes de pedagogia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conservador, Educação, Pedagogia, Princípio.

## INTRODUÇÃO

Quando uma determinada conjuntura, ao apelar para a desenfreada massificação de estereótipos, sobrepõe a experiência à essência, tende a um falseamento da realidade que oblitera a visualização de ideias ancoradas em valores inegavelmente universais. Atrelado a isso, cabe ressaltar que o pensamento conservador, em virtude da crescente adesão de estudiosos a matrizes teóricas de cunho progressista, tem sofrido anátemas de toda espécie como, por exemplo, no tocante ao jargão onde se lê que “conservadorismo é reacionarismo”.

Diante de tais assertivas, houemos por bem mostrar ao prezado leitor, nestas breves linhas e por meio de alguns princípios conservadores formulados por Russell Kirk, um viés político-pedagógico muitas vezes secundarizado nos inúmeros estabelecimentos de ensino, sejam estes civis ou militares. Dessa maneira, foram elencados, dentre os dez princípios preconizados pelo autor em tela, os que consideramos

<sup>1</sup> Major de Infantaria – Chefe da Divisão de Ensino da EASA – george-historia@hotmail.com

mais eixados à proposta deste trabalho, a saber: o quarto, o quinto, o sexto e o décimo.

## DESENVOLVIMENTO

### O quarto princípio

*“Os conservadores são guiados por seu princípio da prudência.”*

Kirk (2013), por meio de tal afirmação, nos faz ver o quanto mudanças radicais corroboram para o recrudescimento de riscos desnecessários que, caso fossem analisados de maneira reflexiva, certamente não resultariam em consequências negativas para as gerações vindouras. Neste contexto, voltando nossos olhares para a pedagogia e tendo consciência de seu caráter inovador por excelência, cabe salientar que a busca por uma educação de qualidade passa necessariamente pela atenta observação das variáveis dos problemas identificados. Assim sendo, uma medida de tal natureza tende a minimizar a possibilidade de se incorrer em um mal de maior magnitude em relação ao vivenciado anteriormente. À guisa de uma exemplificação contrária ao princípio da prudência, basta dizer o quanto a tentativa de mudança paradigmática da educação no Brasil, passando-se do modelo tradicionalista para o escolanovista (ênfase para o falso ativismo), legou-nos extremismos marcados pela falsa dicotomia entre memorização e compreensão. Isto nos leva à conclusão de que “essa simplificação e a correspondente polarização esquemática desenvolveram comportamentos que, embora muitas vezes bem-intencionados, perverteram as próprias razões as quais justificavam a necessidade de mudança” (ZABALA; ARNAU, 2010, p. 46).

Ademais, é característico da prudência não se deixar levar por devaneios ideológicos que, neste caso, venham a pôr em xeque o paulatino afloramento de ideias exequíveis em prol do sistema educacional, pois “o homem que se deixa conduzir pela paixão não ouvirá o argumento

que o pode persuadir, e se o ouvir, não o compreenderá” (ARISTÓTELES, 2007, p. 235). Cabe aqui salientar não somente a relevância quanto ao tempo necessário para fins de uma correta implementação e consequente implantação de determinado modus operandi mas, tão importante quanto, se torna forçoso ao profissional da educação que o mesmo tenha uma real noção sobre a aplicabilidade do projeto almejado por seu estabelecimento de ensino. Em síntese, toda reforma pedagógica requer, em linhas gerais, que nos reportemos ao pioneirismo da Hélade onde “os gregos viram pela primeira vez que a educação tem de ser também um processo de construção consciente” (JAEGER, 2011, p. 13).

### O quinto princípio

*“Os conservadores prestam atenção ao princípio da diversidade.”*

No contexto em pauta, a palavra “diversidade” exprime a salutar manutenção de ordens e classes, de maneira que a existência de tais diferenças no âmbito das instituições seja o reflexo da necessidade social quanto à formação de lideranças honestas e capazes, pressupostos estes intrínsecos às variadas áreas de atuação profissional.

Diante da proposição supramencionada, é inegável afirmar que esta não se posiciona favoravelmente à pregação de uma uniformidade reducionista eixada por um igualitarismo utópico, como se lê em determinadas obras de cunho pedagógico onde

[...] os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua ‘generosidade’ continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. A ‘ordem’ social injusta é a fonte geradora, permanente, desta ‘generosidade’ que se nutre da morte, do desalento e da miséria (FREIRE, 2011, p. 41 e 42).

Contemporâneo ao autor desta assertiva, o sociólogo francês Pierre Bourdieu, ao definir a expressão “capital cultural” no

ambiente escolar como o “poder advindo da produção, da posse, da apreciação ou do consumo de bens culturais socialmente dominantes (NOGUEIRA et al., 2009, p. 35), procura demonstrar que o sistema educacional de seu país funciona como reprodutor de diferenças culturais fomentadas por intermédio da violência simbólica. Não obstante a contribuição de Bourdieu para a sociologia da educação, cabe frisar que o pensamento conservador, no tocante à educação, comunga de um ponto de vista contrário, na medida em que:

O fato de que os grupos socialmente dominantes dominem os conteúdos valorizados pelo currículo não seria suficiente para se afirmar, de uma forma generalizante, que esses conteúdos foram selecionados por pertencerem a esses grupos. Na verdade, o raciocínio poderia ser até o inverso. Por serem reconhecidos como superiores (por suas qualidades intrínsecas), esses conteúdos passaram a ser socialmente valorizados e foram apropriados pelas camadas dominantes (NOGUEIRA et al., 2009, p. 96).

Correlato ao exposto até agora, a existência de conteúdos superiores não pode, em hipótese alguma, concordar com a ideia de subjugação de um homem pelo seu semelhante. Assim sendo, e em se tomando por base que o princípio em tela traz como corolário o ato de formar líderes como sinônimos de referência para as demais pessoas em virtude da valorização de seus esforços, o conservadorismo de Kirk só pode direcionar-se para o pressuposto de que “a divisão da sociedade em massas e minorias excepcionais não é, portanto, uma divisão em classes sociais, e sim em classes de homens, e não pode coincidir com a hierarquia decorrente de classes superiores e inferiores” (ORTEGA Y GASSET, 2006, p. 51).

### O sexto princípio

*“Os conservadores se purificam por seu princípio de imperfeição (‘imperfectability’).”*

É temerário quando um educador, moldado por ideias que prometem um mundo perfeito e ao mesmo tempo justo, procura também moldar seus discentes segundo uma premissa dessa natureza. Diagonalmente oposto a tal visão, o conservador procura desvencilhar-se do “canto da sereia” oriundo de pensadores libertários, percebendo com nitidez cristalina que a existência de uma sociedade isenta de falhas não passa de uma utopia sustentada por uma miopia intelectual. A bem da verdade, a imperfeição é inerente ao corpo social por meio de males e desajustamentos pois, como é evidente, o próprio ser humano assim se apresenta, sendo imprescindível a existência de salvaguardas institucionais e morais reguladoras, na medida em que:

[...] a sociedade, como tal, não é um agente: é o terreno, a moldura onde as ações de milhares de agentes, movidos por intenções diversas, produzem resultados que não correspondem integralmente nem mesmo às intenções deles, quanto mais às de um ente genérico chamado “a sociedade”! (CARVALHO, 2013, p. 204).

Todavia, como isso se transpõe para o campo pedagógico? Ora, a própria tendência construtivista, uma vez depurada de seus excessos, reflete o princípio ora analisado com clareza. Só para fins de exemplo, quando o professor promove intencionalmente o trinômio “construção-desconstrução-construção” de um determinado modo de ver o mundo por parte de seu aluno, aquele está pondo em prática não só a melhoria no processo ensino-aprendizagem mas, concomitante a isso, traz à tona os inevitáveis erros individuais que transcendem para o coletivo, erros esses não deletérios, pois existem por si sós. À guisa de ratificação do raciocínio exposto, é válido dizer que:

[...] a função do educador é criar perturbações, provocar desequilíbrios e, ao mesmo tempo, colocar um certo limite

nesse desequilíbrio, propondo situações-problema, desafios a ser vencidos pelos alunos, para que possam construir conhecimento e, portanto, aprender. (MORAES, 2010, p. 144).

Nesse viés, outro exemplo bastante ilustrativo é o conceito de resiliência na área de ensino, pois o mesmo se caracteriza pela:

[...] capacidade de resistência a condições duríssimas e persistentes e, dessa forma, diz respeito à capacidade de pessoas, grupos ou comunidades não só de resistir às adversidades, mas de utilizá-las em seus processos de desenvolvimento pessoal e crescimento social (ANTUNES, 2012, p. 316).

Por meio de expressões do tipo “adversidades” ou “condições duríssimas e persistentes”, o autor as relaciona em linha direta ao termo “desenvolvimento”, verificando-se, dessa forma, a conexão entre os óbices mundanos e a irrefutável imperfeição na dimensão humana, lembrando que tais óbices são, muitas vezes, exatamente os produtos resultantes das falhas criadas pelo homem, de modo a serem superadas.

### O décimo princípio

*“O pensador conservador compreende que essas permanências e mudanças devam ser reconhecidas e reconciliadas em uma sociedade vigorosa.”*

Pode-se afirmar, grosso modo, que a história da humanidade se apresenta sob o signo de duas palavras: permanência e mudança. Do ponto de vista filosófico, eis aqui uma clara antítese entre o ser parmenídeo e o devir heraclítico na qual, em muitos casos, o ser humano não procura rever conceitos a fim de superar falsas dicotomias em seu cotidiano. Diante do exposto, o autêntico conservador trabalha com afinco em prol de uma sociedade caracterizada pela convivência saudável entre essas duas forças, ou seja, a permanência necessária que favoreça estabilida-

de e continuidade e, ao mesmo tempo, a progressão fomentadora de reforma e melhoria prudentes. Em consequência, o conservadorismo não acredita na premissa de que no corpo social tudo seja completamente antigo ou completamente novo, pois a permanência de bases caras à civilização e a otimização de uma mudança ponderada, ao coexistirem e se revelarem interdependentes, propiciam o equilíbrio dinâmico tão necessário à vida de todos.

Nesse viés, verificamos que a pedagogia não se exime de tais pressupostos e, assim sendo, abordaremos de maneira sintética três tópicos inerentes à seara em questão.

Atualmente alguns estudiosos pregam a pura e simples extinção de assuntos delimitados conforme o enfoque monodisciplinar. Ora, a realidade mostra que, não obstante os sinceros e louváveis esforços despendidos por alguns educadores no sentido de formar os educandos para a vida sob o viés do paradigma holístico das competências, é preciso cautela. Nesse contexto, não se deve combater “a ferro e fogo” disciplinas isoladas que, mesmo suscetíveis a necessárias mudanças em certos tópicos, também apresentam seu valor original a fim de despertar no discente a ideia de pensamento sistêmico pois:

[...] podemos ver de que forma alguns conteúdos têm um procedimento claramente disciplinar, outros dependem de uma ou mais disciplinas (interdisciplinares) e outros não estão sustentados por nenhuma disciplina acadêmica (metadisciplinares) (ZABALA; ARNAU, 2010, p. 120).

Tomando como ponto de partida a escolástica medieval, preconizou-se a ideia de que a metodologia inerente à aula expositiva era o único modelo eficiente para a internalização de conhecimentos. Um dos problemas desse ponto de vista consiste em desqualificar outros procedimentos igualmente válidos para o afloramento de uma prática educativa vigorosa, eficiente, relacional e humana. No entanto, e em

particular no alvorecer do século XX, sabemos que o método expositivo foi “posto em xeque” por determinados educadores progressistas, reduzindo-o ao status de anacronismo pedagógico. Contrário à assertiva precedente, sabemos que a exposição docente, ao enveredar pelo diálogo e sem desprezar sua essência, rende “bons frutos” para os atores envolvidos na sala de aula. Ademais, não esqueçamos que tal linha de raciocínio proporciona:

[...] um ensino no qual o professor deverá utilizar uma metodologia variada com sequências didáticas enfocadas sob o método de projetos, convivendo com análises de casos, pesquisas do meio, etc e com intervenções expositivas convencionais (ARNAU; ZABALA, 2010, p. 146).

É lícito também comentar que a avaliação da atividade escolar, quando voltada mecanicamente para o ato de absorver fatos e conceitos em detrimento dos procedimentos e das atitudes, não corrobora para uma educação inserida em uma totalidade indivisa. Na esteira deste vislumbre pedagógico, mas sem desvalorizar a talentosa capacidade de memorização concernente à maioria esmagadora de nossos alunos, saibamos que:

[...] quando se proclama pelo fim da cultura da retenção, jamais se propugna por seu extermínio, antes sugere-se a busca de novos caminhos, a eficácia de sistemas de recuperação, os instrumentos de reforço na compreensão da aprendizagem significativa e treino de habilidades operatórias (ANTUNES, 2012, p. 280).

No intuito de encerrar as considerações atinentes ao princípio em tela, novamente deixamos para reflexão do leitor um olhar da paideia grega, mais do que nunca atual:

[...] uma vez que o desenvolvimento social depende da consciência dos valores que regem a vida humana, a história da educação está essencialmente condicionada pela transformação dos valores

válidos para cada sociedade. Da dissolução e destruição das normas advém a debilidade, a falta de segurança e até a impossibilidade absoluta de qualquer ação educativa (JAEGER, 2011, p. 4).

### CONCLUSÃO

Pudemos ver, nestas breves linhas, a isenção de paixões ideológicas por parte do pensamento conservador, em particular o de Russell Kirk pois, afinal de contas, o conservadorismo não é uma ideologia, mas encadeamento de opiniões que não se deixam levar por sacralizações dogmáticas. Dessa maneira, procuramos enfatizar quatro princípios do referido filósofo nos quais foi possível observar que algumas de suas ideias, longe de se mostrarem inflexíveis às tendências pedagógicas contemporâneas, retomam e demonstram a importância da prudência, da diversidade, da imperfeição e do binômio conservação-progressão. Assim, tais conceitos se mostram fundamentais para o advento de uma educação qualitativa voltada para a inserção do ser humano em um mundo globalizado e regido por cenários futuros moldados pela incerteza.

### REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. Na sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2012.

ARISTÓTELES, Ética a Nicômaco. São Paulo: Martin Claret, 2007.

AZEVEDO JÚNIOR, Paulo Ricardo de. Disponível em: <http://www.kirkcenter.org/kirk/ten-principles.html>. Acesso em: 15 abr.2014.

CARVALHO, Olavo de. O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota. Rio de Janeiro: Record, 2013.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

JAEGER, Werner. Paideia: a formação

do homem grego. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MORAES, Maria Cândida. O paradigma educacional emergente. 15ª ed. Campinas: Papirus, 2010.

NOGUEIRA, Maria Alice; Nogueira, Cláudio M. Martins. Bourdieu e a educação. 3ª

ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ORTEGA Y GASSET, José. A rebelião das massas. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. Como aprender e ensinar competências. 1ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2010.

# SABERES DOCENTES E A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL

Karine de Oliveira Lunardi<sup>1</sup>

## RESUMO

Esse artigo pretende trazer algumas considerações sobre os saberes inerentes à prática pedagógica centrando tal reflexão na possibilidade da existência de uma relação com a sociedade contemporânea. Toma-se como referencial os quatro pilares da educação de Delors, o que permite considerar os saberes e fazeres da educação. Procura mostrar em seu primeiro tópico os saberes docentes como uma constituição de pressupostos teóricos e metodológicos que definem a competência técnica de ser professor. Em seu segundo tópico, traça a relação da educação com a sociedade contemporânea. Saberes docentes, escola e ser professor são as temáticas persistentes deste material.

Palavras – chave: Educação, Saberes docentes, Sociedade contemporânea.

## INTRODUÇÃO

O processo ensino-aprendizagem permeia nossa sociedade desde os tempos mais remotos da história da humanidade. O homem na sua interação com a natureza trocou o nomadismo pelo sedentarismo, a fim de explorar e organizar o ambiente em que vive. Segundo Marques (1993) o homem conhece o mundo ao transformá-lo pelos instrumentos materiais e conceituais que elabora. Transforma para conhecer.

Vivemos em um contexto de mudanças, no qual as inovações da tecnologia desafiam os professores para que as escolas sejam cada vez mais espaços educativos condizentes com a realidade dos seus alunos. Portanto, temos necessidade a partir desta nova realidade de um profissional capacitado. Mas o que vem a ser esta capacitação profissional?

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia, Psicopedagoga Clínica e Institucional e Mestranda em Educação nas Ciências do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. karinelunardi@yahoo.com.br